

Eduardo Monsanto

A VIRADA

MILAGRE EM LIMA



Texto © Eduardo Monsanto

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico <i>Alex Yamaki</i>
Diretora comercial <i>Patth Pachas</i>	Diagramação <i>Daniel Argento</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Preparação <i>Cristian Clemente</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Revisão técnica <i>Sérgio Miranda Paz</i>
Assistente editorial <i>Olivia Tavares</i>	Revisão <i>Beatriz de Freitas Moreira</i>
	Impressão <i>Lis Gráfica</i>

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Monsanto, Eduardo, 1979-
A virada: milagre em Lima/ Eduardo Monsanto. – 1. ed. – São
Paulo: Panda Books, 2020. 240 pp.

ISBN: 978-65-5697-074-5

1. Futebol – Brasil. 2. Clube de Regatas do Flamengo. 3. Copa
Libertadores da América. 4. Lima (Peru). I. Título.
Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

20-66457

CDD: 796.334
CDU: 796.332

2020

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para Olívia.
O caminho é a recompensa. Te amo.*

*Para Zeca.
Ser o seu pai faz a vida valer a pena.*

*E para Dalva.
Presença em forma de saudade.*

SUMÁRIO



O MUNDO DE NOVO?	7
AMOR NÃO CORRESPONDIDO	25
RECONSTRUÇÃO	28
BOLSA DE VALORES.....	42
CINZAS	47
TESTE DE NERVOS.....	59
APOSTA PORTUGUESA.....	86
NA MARCA DO PÊNALTI.....	94
XADREZ COLORADO	112
PASSAGEM DE BASTÃO	122
MILAGRE EM LIMA.....	136
EPÍLOGO	167
AGRADECIMENTOS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173

O MUNDO DE NOVO?



“Moraes! Galvão! Chegou a hora de gritar bicampeããããão!!!”

A dobradinha Moraes Moreira-Luiz Galvão gerou alguns dos maiores clássicos da MPB. Juntos, fizeram *Acabou chorare*, *Mistério do planeta* e *Preta pretinha*, pérolas do cancionero nacional. Apesar da grande identificação de Moraes Moreira com a torcida rubro-negra, o canto da galera em Doha, no Catar, nada tinha a ver com os Novos Baianos. Os rubro-negros que cercavam a equipe da TV Globo homenageavam Francisco Albertino de Moraes, que há décadas é a cara do Flamengo na arquibancada, e Galvão Bueno, principal locutor esportivo do Brasil, dono da voz que eternizou grandes conquistas do clube da Gávea.

“Moraes! Galvão! Chegou a hora de gritar bicampeããããão!!!”

A entrevista que Galvão Bueno fizera com Moraes Moreira em 1981, antes da inesquecível vitória do Flamengo sobre o Liverpool em Tóquio, era repetida 38 anos depois. Na época do primeiro encontro, Galvão estava havia poucos meses na TV Globo. Era um narrador promissor, recém-chegado da TV Bandeirantes. Moraes era funcionário da extinta Embrafilme e viajava atrás do time de Zico mundo afora. Ele se tornou uma espécie de embaixador da Raça Rubro-Negra na Copa do Mundo de 1982, quando levou a bandeira da torcida à Espanha. O gesto foi repetido em todos os Mundiais desde então, e a paixão pelo Flamengo continuou fazendo com que Moraes seguisse sempre os mesmos caminhos que o time de coração. Não importa onde seja.

O reencontro de Galvão e Moraes, personagens daquela velha reportagem, não era a única coincidência. Os finalistas do Mundial também seriam os mesmos daquela longínqua partida no Japão.

“Trinta e oito anos depois, tô aqui com o Moraes, que eu conheço há mais de quarenta anos. Moraes, o Flamengo vai ser campeão?”

“Bicampeão! Nós vamos ganhar de novo contra o mesmo time, com a mesma vontade! Esse time vai ficar na história como o time de 1981 ficou. Esse time tem que lembrar o seguinte: a história conta os vencedores. A história execra os perdedores. Então nós vamos ganhar e vamos ser bicampeões!”

“Moraes! Trinta e oito anos depois... quem diria? Tomara que você esteja certo! Me dá um abraço!”

* * *

A frase era surrada e sempre aparecia em cartazes de torcedores quando qualquer time brasileiro engrenava uma boa sequência de resultados. “Rumo a Tóquio!” virou bordão, já que a disputa entre os campeões da América do Sul e da Europa sempre acontecia na capital do Japão. Com o passar dos anos, a Fifa tomou as rédeas da competição e mudou o formato. Outros países, como Emirados Árabes e Marrocos, vieram a sediar o evento, que teve o número de participantes ampliado para incluir campeões dos demais continentes e equipes dos países-sede. Em 2019, o Catar seria pela primeira vez o anfitrião do Mundial de Clubes da Fifa. E veria de perto a paixão da torcida rubro-negra por seu time.

A viagem do Flamengo para Doha estava marcada para 13 de dezembro, quatro dias antes da estreia. Com menos gente que na inesquecível despedida dos jogadores para a decisão da Libertadores, um novo AeroFla cercou o elenco rubro-negro de carinho e motivação do Ninho do Urubu até o Aeroporto do Galeão. O primeiro adversário seria o vencedor do confronto entre Al-Hilal (Arábia Saudita) e Espérance (Tunísia) nas quartas de final. O todo-poderoso Liverpool estava do outro lado da chave e só cruzaria o caminho do Flamengo numa eventual final.

O favoritismo dos ingleses no Mundial era amplo e justificado. O título da Champions League, conquistado meses antes com excelente futebol, era apenas uma das razões para respeitar o clube da cidade dos Beatles: o Liverpool não perdia um jogo no Campeonato Inglês havia 11 meses! Concorrendo com um adversário tão poderoso, a única obrigação do Flamengo era não repetir os vexames de Internacional e Atlético Mineiro, que em semifinais anteriores da competição caíram respectivamente para os modestos Mazembe (República Democrática do Congo) e Raja Casablanca (Marrocos).

Nas quartas de final, o Al-Hilal venceu o Espérance por 1 X 0, gol do atacante francês Gomis. Os sauditas ganhavam assim o direito de enfrentar o Flamengo na semifinal. Sediado em Riad, o Al-Hilal contava com o volante colombiano Gustavo Cuéllar, que tinha sido parte da campanha vitoriosa na Libertadores e foi comprado por 34 milhões de reais. Outras caras conhecidas do time eram o italiano Giovinco e o peruano Carrillo. Para dificultar a partida, os jogadores do Al-Hilal conheciam bem o técnico do Flamengo, já que Jorge Jesus havia treinado a equipe asiática até janeiro de 2019. O técnico português chegara à Gávea em junho daquele mesmo ano e, conforme os costumes brasileiros, foi chamado pelos jogadores de “professor” em seu primeiro treino. “Professor? Não, professor é quem ensina. Eu sou *mister!*”

Rubro-negros espalhados por todo o país pararam naquela tarde de terça-feira (14:30 horas pelo horário de Brasília), 17 de dezembro, para ver como o Flamengo se sairia no jogo mais perigoso da competição, em que o nervosismo da estreia se unia à absoluta falta de espaço para erros, já que a partida era eliminatória.

O estádio Khalifa tinha clarões na arquibancada. Muitos torcedores do Flamengo que ainda pagavam as prestações da ida à Lima para a final da Libertadores endividaram-se ainda mais para viver de pertinho o sonho de repetir 1981. Jorge Jesus escalou o mesmo time que começou a final contra o River Plate em Lima: Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí e Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro e Arrascaeta; Bruno Henrique e Gabigol.

DIEGO ALVES

“A gente sabia que o foco tinha que ser o Al-Hilal no primeiro jogo. Era uma situação especial pro Mister. Ele tem essa guerra de ego com os ex-times. Ele enchia a boca pra falar que tinha montado aquele time, que conhecia os jogadores, mas que nós é que vamos ganhar!”

O time saudita começou a partida mostrando que sabia jogar futebol. A primeira chance do Al-Hilal veio aos seis minutos, em escanteio fechado cobrado por Giovinco, que Willian Arão afastou, desviando a bola de

cabeça para a linha de fundo. O meia-atacante italiano criou outra oportunidade aos dez, em jogada ensaiada que envolveu a defesa e deixou Salem Al-Dawsari em condições de finalizar dentro da área. Everton Ribeiro o surpreendeu de carrinho e evitou o gol. O Flamengo só ameaçou com clareza aos 14, quando o goleiro Al-Muaiouf saiu do gol para rebater escanteio cobrado por Arrascaeta e mandou a bola na direção da meia-lua. Gerson ajeitou o corpo e bateu de chapa, direto para o gol. A bola passou muito perto da trave esquerda.

O Al-Hilal não se mostrava intimidado diante do campeão da Libertadores, e já no minuto seguinte Salem Al-Dawsari ganhou de Rodrigo Caio na área e chutou cruzado. Diego Alves fez uma defesa difícilíssima e Gomis apareceu sozinho no rebote. A bola chegou veloz ao francês, que concluiu de pé esquerdo e jogou por cima do gol. Aos 16 minutos, Gabigol tentou finalizar de fora da área, mas a bola passou por cima da trave de Al-Muaiouf. O jogo era franco. Giovinco percebeu o espaço deixado por Filipe Luís na esquerda e lançou na ponta para o lateral Al-Burayk. Não faltou tempo para enxergar a movimentação na área e perceber a infiltração de Salem Al-Dawsari, que apareceu livre para bater perto da marca do pênalti. Pablo Marí ainda tocou na bola, que foi no contrapé de Diego Alves e colocou o Al-Hilal na frente aos 17 minutos de jogo.

O gol mexeu com o Flamengo, que subiu a marcação e começou a forçar erros do adversário na saída de bola. A correria imposta pelo campeão asiático deu pouca margem para novas chances na primeira etapa, e o melhor que o Flamengo conseguiu foram duas cabeçadas sem perigo com Arão aos trinta e Bruno Henrique quase no fim do primeiro tempo.

RENÊ

“Me lembro que eles fizeram uma jogada no primeiro tempo e quase tomamos o gol. O Mister falou pro banco: “Essa jogada aí é minha! Eu avisei!”. Riu e depois deu uma dura danada: “Como é que nós treinamos todo dia essa jogada e vocês iam tomando o gol?”.

RAFINHA

“ Eu já tinha participado do Mundial em 2013. Joguei as duas partidas e fui campeão pelo Bayern. Eu sabia o peso que era a competição. Só que o Flamengo não disputava havia muito tempo, e vários jogadores que ainda não tinham participado de um Mundial sentiram o jogo. Foi um primeiro tempo um pouco abaixo do que a gente sabe. Tivemos que colocar as coisas no lugar pra que a gente pudesse reverter o placar.

A sacudida no intervalo, que tinha funcionado tão bem em Lima, teve o mesmo efeito em Doha. Com dois minutos do segundo tempo, Gabigol já caía pela ponta direita e tentava o primeiro cruzamento para Bruno Henrique. Al-Muaiouf mergulhou e impediu o gol de empate. Um minuto depois, Rafinha iniciou a jogada pela direita, acionou Gabigol entre as linhas de marcação e o centroavante percebeu a infiltração de Bruno Henrique. Enquanto goleiro e zagueiro saíram para abafar o atacante rubro-negro, Arrascaeta entrava livre pela esquerda. O passe chegou ao uruguaio, que bateu para o gol vazio e deixou tudo igual no estádio Khalifa. A comemoração foi com um gesto de coraçãozinho para a esposa, Camila.

ARRASCAETA

“ Foi um jogo que começou difícil pra nós. A gente não se encaixava no esquema deles. À medida que foi passando o tempo, conseguimos jogar melhor. O primeiro gol foi uma jogada linda do nosso ataque, depois acabamos dominando.

Nos minutos seguintes, Gabigol forçou algumas jogadas pela direita, mas esbarrou na boa defesa do Al-Hilal. O time de Cuéllar incomodou em duas chegadas na sequência, com Carrillo batendo de fora da área (por cima) e Giovinco cobrando falta (para fora). Rafinha crescia na parte ofensiva durante o segundo tempo e, aos 32 minutos, avançou pela ponta e cruzou na medida para Bruno Henrique aparecer entre os zagueiros e cabecear com força. Era o gol da virada. Para acalmar de vez a Nação, aos 36 minutos Bruno Henrique apareceu pelo lado esquerdo e cruzou na direção de Gabigol, no segundo pau. O zagueiro Al-Bulayhi se

apavorou, tentou cortar e marcou gol contra. Com os 3 X 1, o Flamengo voltava a jogar a decisão do Mundial depois de 38 anos. A primeira na edição organizada pela Fifa.

No dia seguinte, a delegação do Flamengo estava toda na tribuna do estádio Khalifa para ver o campeão da Europa estreiar na competição contra o Monterrey, do México. O Liverpool não teria Virgil van Dijk, tido como o melhor zagueiro do mundo. O holandês passou mal e nem saiu do hotel. Jürgen Klopp improvisou o capitão Henderson na zaga e poupou o lateral direito Alexander-Arnold, os atacantes Sadio Mané e Roberto Firmino. Do fabuloso e mundialmente conhecido trio de ataque, só Mohamed Salah começaria jogando a semifinal.

O egípcio deu o passe para Keita se infiltrar na área e marcar o primeiro do Liverpool aos dez minutos do primeiro tempo. O argentino Funes Mori conseguiu empatar aos 13, aproveitando rebote de Alisson num chute de Gallardo. Os mexicanos deram trabalho na etapa inicial, e o jogo continuou equilibrado após o intervalo. Klopp demorou um pouco para utilizar as estrelas que estavam no banco. O senegalês Mané entrou aos 23 minutos (no lugar de Shaqiri), Alexander-Arnold aos 29 (na vaga de Milner) e Firmino só substituiu Origi aos quarenta. O jogo já entrava nos acréscimos quando Alexander-Arnold cruzou da direita e Firmino desviou na pequena área para levar o Liverpool à final.

RENÊ

“ Nós estávamos na arquibancada e não sabíamos para quem torcer. Se desse Monterrey, teoricamente a gente jogaria contra um time mais fraco. Mas nós fomos ao Mundial para enfrentar o Liverpool!

Eu lembro que, no finalzinho do jogo, nosso time todo estava torcendo para o Monterrey. Os mexicanos estavam bem, mas o Liverpool passou. Por dentro, o que todo mundo queria era esse jogo mesmo.

E o sábado, 21 de dezembro de 2019, chegou. Se em 1981 Flamengo e Liverpool tinham em Zico e Kenny Dalglish seus principais astros, o protagonismo desse reencontro estava bem-dividido nas duas equipes. Havia craques em todos os setores de ambos os times, mas a balança

pendia para o lado inglês. O investimento dos Reds na montagem do elenco foi quase nove vezes maior que o do Flamengo. Enquanto Klopp teve quatro anos para dar o padrão ideal a seu time, Jesus contava com apenas um semestre de trabalho.

PABLO MARÍ

“A gente não tinha nada a perder. Era o melhor time do mundo, estavam ganhando sem parar. A gente vinha com o sonho de ser campeão do mundo. Se enfrentavam duas grandes equipes, e uma delas tinha um sonho.

Para dar ainda mais força ao time europeu, Van Dijk estava de volta à zaga, e o treinador não repetiria a ideia de poupar seus destaques. A prioridade do Liverpool era sair da fila de trinta anos sem ganhar o Campeonato Inglês, mas agora que o time estava em Doha queria levar para Anfield um dos poucos títulos que ainda faltavam ao clube. Coincidentemente, os dois times vestiram as mesmas cores da final de 1981: Liverpool todo de vermelho, Flamengo de branco. Jorge Jesus e Jürgen Klopp se encontraram no túnel que dava acesso ao gramado e se abraçaram. Firmino também cumprimentou alguns companheiros de Seleção Brasileira antes de as equipes subirem ao gramado. O árbitro catari Abdulrahman Al-Jassim puxou a fila, enquanto Jordan Henderson e Everton Ribeiro lideravam a entrada de Liverpool e Flamengo em campo ao som de *Seven nation army*, sucesso de The White Stripes, que fazia parte do cerimonial da Fifa.

JORGE JESUS

“Estávamos muito confiantes. O Flamengo é uma das melhores equipes do mundo, mas era a primeira vez que tanto eu, como treinador, quanto os jogadores íamos a uma final do Campeonato do Mundo. Jogamos numa situação de inferioridade. Tínhamos quarenta jogos a mais numa altura da temporada em que o Liverpool estava no seu melhor e o Flamengo vivia o final da época.

E onde estaria naquele momento o maior ídolo da história do Flamengo? Zico ocupava o cargo de diretor técnico do Kashima Antlers e, como faz todo fim de ano, havia se programado para passar as fes-

tas no Rio de Janeiro. Ainda em outubro, o time de Zico se classificou para a semifinal da Copa do Imperador e jogaria no dia 21 de dezembro. Zico tinha marcado o voo Narita-Dubai-Rio para depois da partida do Kashima, e a viagem aconteceria no mesmo horário da final do Mundial de Clubes. O eterno camisa 10 da Gávea tinha esperança de que a empresa aérea Emirates, que mostrava ao vivo os jogos da Premier League em suas aeronaves, pudesse exibir também a decisão entre Flamengo e Liverpool. Zico não teve essa sorte, mas o avião tinha sinal de internet e ele poderia ao menos acompanhar informações em tempo real.

Um pedido ecoava em todos os lugares onde o Flamengo jogava em 2019: “E agora seu povo quer o mundo de novo!”. Os 11 atletas que tentariam satisfazer esse desejo eram Diego Alves, Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí e Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro e Arrascaeta; Bruno Henrique e Gabigol. Os ingleses começariam com Alisson, Alexander-Arnold, Van Dijk, Joe Gomez e Robertson; Henderson, Keita e Oxlade-Chamberlain; Salah, Firmino e Mané.

FILIFE LUÍS

“O Jesus preparou muito bem a estratégia desse jogo. Ele avisou tudo. “O Salah faz esse movimento. O Firmino, esse vem jogar no pé. Pablo Marí, segue o Firmino! Rafinha, o Mané é muito rápido, fica atento ao Rodrigo Caio na cobertura! Nós não vamos respeitar! Nós vamos lá, vamos tirar a bola deles!”

RAFINHA

“Minha missão era cuidar do Mané, marcar o Mané em cima. E chegar também no ataque, porque nosso lado direito é muito forte. Criar situações de cruzamento, de ataque, de finalização. Eu já tinha feito isso pelo Bayern na Liga dos Campeões justamente contra o Liverpool e me saí bem. Eu sabia muito bem o que me esperava.

No encontro de capitães, Henderson pediu a bola e Everton Ribeiro escolheu começar o jogo no campo à esquerda das cabines. Salah foi o primeiro a tocar na bola quando Abdulrahman Al-Jassim apitou. Será que a equipe que venceu o Campeonato Brasileiro com folga e encerrou o

longo jejum na Libertadores estaria pronta para o time apontado como o melhor do mundo pela crítica?

O Liverpool só precisou de 39 segundos para criar a sua primeira chance. Alexander-Arnold lançou Firmino nas costas de Rodrigo Caio, o centroavante dominou no peito dentro da grande área e finalizou por cima do gol de Diego Alves. O susto não afastou o Flamengo de sua proposta de jogo, e a primeira finalização veio em uma batida de fora da área com Arrascaeta. O chute subiu demais. O lado esquerdo da defesa rubro-negra, que tinha apresentado falhas na final da Libertadores e na semifinal do Mundial, foi testado aos quatro minutos: Henderson apostou em uma bola longa para Salah, que foi mais veloz que Filipe Luís. Pablo Marí bloqueou a passagem do egípcio, que rolou para Keita chegar batendo. Outra vez a finalização encobriu a meta. Dois minutos depois, Gerson tentava sair para o jogo quando foi desarmado pelo lateral esquerdo Robertson ainda no campo de defesa. Alexander-Arnold entrou na diagonal para receber o passe, carregou a bola pela intermediária e soltou um chute cruzado que passou a centímetros da trave direita de Diego Alves.

Sobreviver às primeiras chegadas dos ingleses deu um pouco mais de confiança ao Flamengo. O time de Jorge Jesus tentava ficar mais com a bola e mostrar personalidade. Everton Ribeiro meteu uma caneta no lateral Robertson e levantou a torcida. Rafinha conseguiu apoiar o ataque aos 17 minutos, cruzando no segundo pau. A cabeçada de Bruno Henrique bateu em Joe Gomez e subiu, Chamberlain rebateu para a entrada da área e Gabigol disparou em cima de Van Dijk. O caminho parecia ser pela direita, e Rafinha lançou Bruno Henrique na ponta. O atacante tirou Joe Gomez da área, atrasou para Gerson e partiu para receber a devolução. Já na linha de fundo, esperou a chegada de Gabigol e cruzou, mas a bola passou às costas do centroavante.

Quem disse que goleiro de seleção não erra? Aos 23 minutos, Alisson buscava o passe para Henderson no meio-campo, mas viu Arão se antecipar e armar o contra-ataque. Bruno Henrique não tomou conhecimento de Alexander-Arnold, rolou para a pequena área e Van Dijk tirou mais uma vez. Aos 26, Bruno Henrique voltou a aprontar para cima do

badalado lateral direito do Liverpool. O atacante foi lançado por Pablo Marí e ganhou de Alexander-Arnold na velocidade. Na hora de finalizar na área, porém, foi atrapalhado por Joe Gomez, que cedeu o escanteio. O Flamengo passava a controlar o jogo, tendo mais finalizações (4 X 3) e posse de bola (60% X 40%) na primeira meia hora de partida.

RODRIGO CAIO

“No primeiro tempo eles correram atrás de nós, e a gente, em alguns momentos, sentiu que poderia vencer a partida. Quem fizesse o primeiro gol dificilmente sofreria a virada.

O protagonismo do jogo até ali era de Bruno Henrique. Aos 32, o atacante apareceu no segundo pau para aproveitar o cruzamento de Rafinha na direita. A cabeçada bateu em Joe Gomez, e instantaneamente Gabigol e Bruno Henrique ergueram os braços para pedir a penalidade. O juiz, corretamente, mandou o jogo seguir. O Liverpool não incomodava havia muito tempo, mas quase saiu na frente aos 37 minutos. Com o Flamengo todo no ataque para um escanteio, Rafinha errou um passe para Everton Ribeiro e a bola caiu nos pés de Salah. A cena era desesperadora, com Gerson e Filipe Luís sendo os únicos defensores diante de cinco jogadores de vermelho em disparada. Quando o egípcio tentou virar a jogada para Firmino, milagrosamente o lateral esquerdo rubro-negro conseguiu rebater a bola. Jorge Jesus quase teve um filho na área técnica.

Enfrentar os campeões da Europa não deixava margem para quaisquer erros. Quase no fim do primeiro tempo, Rafinha segurou Mané quando o Liverpool puxava um contra-ataque. O senegalês reagiu, derrubou o brasileiro e acabou levando o cartão amarelo. O bate-boca entre o lateral rubro-negro e o atacante do Liverpool foi a última cena relevante de um primeiro tempo em que o Flamengo fez frente aos ingleses.

RAFINHA

“Eu tinha que ser mais malandro que ele naquele momento. Como ele é muito rápido, a hora que ele fez a tabela no meio e saiu, eu me enrosquei com ele. Ele me deu um tapa e pegou meio que nas minhas costas, meio que na minha cabe-

ça. Eu caí no chão e ele ficou bravo. “Pô, quem fez a falta foi você!” “Fiz a falta, mas não te atingi. Você me deu um tapa de propósito!” Aí trocamos algumas palavras lindas (risos). Ele falou umas bobagens em inglês. Eu não sei o idioma, mas sei xingar em inglês. E falei algumas também. Ficou por isso mesmo. Discutimos, mas depois ficou tudo certo. Faz parte.

O Galinho de Quintino continuava sobrevoando os céus da Ásia durante a partida e recebia da família informações sobre o jogo por meio de aplicativos de mensagens. Zico soube que o primeiro tempo tinha terminado sem gols e que o time rubro-negro havia se saído bem na primeira etapa. Só que a angústia tomou conta com o aviso do comissário de bordo: o avião estava entrando em um longo trecho sobre o espaço aéreo chinês e perderia o sinal de internet. Só daria para saber o resultado depois da partida.

Em Doha, as equipes voltaram sem alterações para o segundo tempo. O Flamengo passaria a atacar no gol à esquerda das cabines, pertinho de onde estava concentrada a torcida rubro-negra no estádio Khalifa. Com um minuto e meio de jogo, Henderson recebeu na intermediária e lançou Firmino entre os zagueiros do Flamengo. Rodrigo Caio tentou o bote e foi encoberto com um leve toque de direita do centroavante da Seleção Brasileira. Firmino fuzilou de canhota, a bola quicou e explodiu na trave direita de Diego Alves e saiu, na chance mais clara de toda a partida até ali. Sufocando o Flamengo no campo de defesa, o time inglês voltou a ameaçar aos quatro minutos, quando Alexander-Arnold ganhou de Filipe Luís na velocidade e cruzou na área para Salah escorar à esquerda de Diego Alves.

O Flamengo voltou a finalizar aos sete minutos, quando Arrascaeta recebeu de Bruno Henrique, invadiu a área e fez o pivô para Gabigol bater da meia-lua. O chute de canhota passou um pouco acima do travessão. No mesmo minuto, os rubro-negros estiveram muito perto do gol. Arão recuperou a bola num erro de Alexander-Arnold e procurou Everton Ribeiro na entrada da área. O capitão tocou de primeira para Gabigol, que chutou cruzado e rasteiro antes que Van Dijk chegasse. Alisson conseguiu uma defesa difícilíssima, espalmado para escanteio.

O jogo, muito truncado, só voltou a ter um lance de perigo aos 21 minutos. Arrascaeta saiu da marcação de Gomez na intermediária e fez o passe para a infiltração de Gabigol. O centroavante soltou a pancada de perna esquerda, mas foi bloqueado por Van Dijk e teve que se contentar com um escanteio. Dois minutos mais tarde, nova oportunidade rubro-negra criada por Bruno Henrique pela ponta esquerda. Após cortar Alexander-Arnold, o atacante cruzou para Gabigol na área. De costas para o gol, o centroavante do Flamengo concluiu com uma puxeta, e Alisson teve que mergulhar no canto esquerdo para fazer a defesa.

O meia Chamberlain torceu o tornozelo aos 27 minutos e Jürgen Klopp teve que fazer a primeira alteração na equipe, colocando em campo Adam Lallana, que atuava na mesma posição. A torcida do Flamengo levou um pequeno susto com um gol corretamente anulado de Salah, aos trinta minutos. O egípcio estava visivelmente impedido quando recebeu o passe de Keita, e Diego Alves nem chegou a saltar na bola, erguendo o braço para pedir a marcação da posição irregular. Jorge Jesus fez a sua primeira substituição aos 31, sacando Arrascaeta para a entrada de Vitorino.

ARRASCAETA

O jogo foi muito intenso. Além de atacar, também corremos bastante com os laterais deles. Sentimos um pouquinho o desgaste da temporada, e o Mister acabou fazendo alterações. Certamente as mudanças iam dar um gás a mais para o nosso time.

VITINHO

A atmosfera estava um pouco diferente, era um jogo mais neutro. O Jesus me pediu para apostar no um contra um e levar o time para a frente. Quanto mais próximo do gol a gente jogasse, mais chances teríamos.

Os Reds buscaram mais uma chance aos 34, quando Firmino desceu pela ponta esquerda até a linha de fundo e cruzou para trás. A bola passou por Salah e Keita e parou em Alexander-Arnold, que ajeitou para o pé direito e chutou. A bola desviada por Vitorino foi encaixada pelo goleiro Diego Alves.

Diego tinha entrado bem contra o River Plate e teria outra chance de ajudar o Flamengo nos minutos finais diante do Liverpool. Jorge Jesus tirou o capitão Everton Ribeiro, que passou a faixa para o companheiro que entrava.

EVERTON RIBEIRO

“Foi uma opção tática. Ele falou que achava que a gente estava meio cansado. Tentou mudar um pouco, dar um gás a mais ali para que pudéssemos criar chances, chegar e ganhar o jogo.

As disputas no meio-campo eram ríspidas; numa delas, Salah entrou de sola em Vitinho e levou cartão amarelo. A torcida brasileira no estádio Khalifa cantava em *loop* o tema que embalou o time na temporada, dando ênfase especial ao “E agora seu povo quer o mundo de novo!”. Faltava pouco tempo para o fim dos noventa minutos, e o equilíbrio no campo enchia cada rubro-negro de fé. Mas o clima era de atenção máxima, já que o Liverpool tinha como característica conseguir vitórias nos momentos finais das partidas.

O cronômetro já estava nos quarenta minutos quando Mané acelerou em um contra-ataque que pegou a defesa rubro-negra desarrumada. O senegalês rolou para Salah na área. Enquanto o egípcio atraía a marcação, a entrada da área estava livre para o capitão Jordan Henderson finalizar. O chute de fora da área tinha destino certo, o ângulo superior esquerdo, mas Diego Alves conseguiu alcançar a bola de maneira espetacular e desviou para escanteio. O Flamengo não conseguia mais ameaçar os ingleses, que dominavam a segunda metade da etapa complementar. Vitinho também entrou na lista de jogadores advertidos por matar um contra-ataque puxando Keita. O árbitro deu cinco minutos de acréscimos, tempo que as duas equipes teriam para evitar a prorrogação prevista em caso de empate.

Exatamente aos 45 minutos, Salah recebeu uma bola rebatida por Van Dijk e amorteceu para Firmino. O centroavante brasileiro anteviu a infiltração de Mané e deixou o senegalês na cara do gol. Rafinha entrou de carrinho para evitar a finalização e o juiz deu pênalti para os ingleses. Rafinha e os demais jogadores do Flamengo se desesperaram e

cercaram Abdulrahman Al-Jassim. O lance teria que ser decidido com o auxílio do VAR, o árbitro assistente de vídeo. Salah já estava posicionado para bater o pênalti enquanto Rafinha seguia protestando com as mãos, jurando que só tinha visado a bola. O juiz do Catar fez o gesto característico do VAR e foi até o monitor decidir a sorte do Flamengo. Como as imagens mostraram que a falta teria acontecido fora da área, três minutos e dez segundos de agonia depois, Al-Jassim desmarcou o pênalti, retirou o cartão amarelo do lateral rubro-negro e nem falta deu. Rafinha e a torcida comemoraram como se fosse um gol.

RAFINHA

“Aquilo ali foi duro, teste pra cardíaco! Eu sabia que não tinha feito pênalti. Na hora que o Mané foi chutar, eu coloquei o pé na bola e acabei atrapalhando ele. Eu não o atingi, tinha certeza que não tinha sido pênalti. Só que a hora que o juiz deu, eu fiquei com medo. “Meu Deus, não acredito que vamos tomar um gol agora por minha culpa!” Mas graças a Deus não foi nada. Ainda bem!

Abdulrahman Al-Jassim deu jogo até os 53 minutos do segundo tempo, mas o 0 X 0 não saiu do placar. Pelo menos mais meia hora de futebol seria necessária para conhecer o novo campeão do mundo. Os times voltaram para o tempo extra com as mesmas formações. O cansaço após 74 jogos na temporada era evidente. Gabigol caiu com câibras aos dois minutos de prorrogação e deixou o gramado de maca. O milagre de Lima não parecia próximo de um replay. O time brasileiro sofria com a correria e as bolas longas impostas pelos ingleses. Cada vez que o rubro-negro recuperava a posse de bola tentava acionar Bruno Henrique à frente, mas o atacante estava bem-marcado. A primeira boa chance do Flamengo no tempo extra foi com Vítinho, aos cinco minutos: o atacante avançou pela ponta esquerda e meteu uma caneta em Alexander-Arnold antes de cruzar da linha de fundo. Van Dijk se antecipou a Bruno Henrique e mandou para escanteio.

VITINHO

“As pessoas lembram desse lance. “Caramba! Que caneta que ele deu!” Eu também considero o Alexander-Arnold um dos melhores laterais do futebol

atual, tem um caminho imenso pela frente. Aquela caneta ali foi um dos dribles que eu costumo fazer, mas sempre na direção do gol.

Em nova chegada pela esquerda, aos sete minutos, Filipe Luís tabelou com Vitinho e cruzou para Gabigol, já de volta ao gramado, no segundo pau. O centroavante cabeceou sem equilíbrio e jogou a bola para trás. A defesa do Flamengo estava desarrumada após mais uma descida ao ataque. Aos oito minutos do primeiro tempo da prorrogação, Henderson, ainda no campo de defesa, lançou na direção de Mané. A bola quicou na frente de Rodrigo Caio e, ao tentar cortá-la, o zagueiro perdeu o equilíbrio e falhou. Mané ficou no mano a mano com Rafinha pelo lado direito da área, girou o corpo e rolou para Firmino. O atacante brasileiro teve calma para cortar Rodrigo Caio e Diego Alves e chutou forte. A bola raspou no peito do pé esquerdo de Rodrigo Caio, Rafinha ainda tentou salvar de carrinho, mas não deu: o Liverpool fazia 1 X 0 e restavam pouco mais de vinte minutos para uma reação do Flamengo.

Firmino levou cartão amarelo por comemorar o gol sem camisa e Klopp aproveitou para trocar Keita por James Milner. Diego e Filipe Luís, em uma distração incrível, não foram em uma bola recuada por Vitinho. Firmino agradeceu o presente e arrancou até a entrada da área, onde passou para Mané. O senegalês teve o passe bloqueado, mas a sobra ficou com Salah. O tiro de pé esquerdo foi defendido por Diego Alves, que espalmou para o alto e viu a bola quicar perto da trave antes de sair para escanteio.

Vitinho puxou contra-ataque aos 11 minutos, fez a diagonal e só parou ao ser atingido por Van Dijk. Antes da cobrança de falta, Jesus fez mais uma alteração: Lincoln na vaga de Gerson. Vitinho tentou a cobrança direta, mas o chute saiu alto, longe do gol de Alisson. No finzinho da primeira etapa extra, Bruno Henrique escapava pela esquerda quando Milner matou o contra-ataque e levou cartão amarelo. Após dois minutos de acréscimos, o árbitro encerrou o primeiro tempo da prorrogação.

Sem intervalo, as equipes apenas trocaram de lado. Klopp sacou o decisivo Firmino para a entrada do belga Origi, que tinha feito gols importantes na campanha vitoriosa do Liverpool na Champions League.

A primeira chance no tempo final da prorrogação foi rubro-negra. O cronômetro marcava dois minutos quando Diego acionou Filipe Luís na ponta esquerda. O lateral levantou na área, Van Dijk rebateu de cabeça e a bola sobrou para Gabigol. O centroavante ajeitou no peito, chutou de canhota e mandou à direita de Alisson.

O sofrimento com final feliz em Lima inspirava a torcida rubro-negra a ter fé e cantar mais alto do que os ingleses. Diego levou cartão amarelo por falta em Milner e a agonia aumentava a menos de dez minutos do fim do tempo extra. Lançando-se mais ao ataque, o Flamengo permitia espaços para contra-ataques. Num deles, Rafinha parou Lallana com falta próxima à grande área. Depois de muita demora para a cobrança, Alexander-Arnold chutou para o meio do gol e Diego Alves rebateu para fora da área.

A um minuto do final, Vitinho tabelou com Lincoln e chegou à linha de fundo para cruzar pela direita. A bola rasteira foi rebatida por Van Dijk e caiu novamente nos pés de Vitinho. Dessa vez, o passe encontrou Lincoln livre na área. O jovem atacante de 19 anos escorou por cima do gol, na última chance clara de levar o jogo aos pênaltis. Inexplicavelmente, Jesus ainda colocou Orlando Berrío no lugar de Willian Arão a um minuto do final. Klopp também mexeu, com Shaqiri substituindo Salah, ovacionado pelos torcedores do Liverpool e pelo público local. No último lance do jogo, Bruno Henrique ainda teve fôlego para tentar uma bola cruzada na ponta esquerda, mas Gomez tirou. Abdulrahman Al-Jassim apitou o fim da partida. O Liverpool finalmente conquistava seu primeiro título mundial depois de três tentativas frustradas.

O sonho do bicampeonato havia sido adiado. Ficar feliz com uma derrota é impossível, mas ter orgulho da postura do Flamengo era sentimento comum entre jogadores, comissão técnica e, especialmente, torcida. O time foi aplaudido de pé por rubro-negros que cruzaram o mundo com a esperança de ver outra vez o clube ser o maior do planeta.

RODRIGO CAIO

“O sentimento é de orgulho. De a gente entrar, impor o nosso futebol, mostrar que a gente pode jogar contra qualquer equipe. Fica aquele gostinho de que

poderia ter sido diferente, mas eu não tenho dúvidas de que a gente vai ter uma segunda oportunidade. E nessa segunda oportunidade, a gente não vai falhar. Tenho certeza disso.

DIEGO ALVES

“Depois da partida, alguns jogadores do Liverpool vieram falar com a gente sobre como foi nos enfrentar. Eu fiquei conversando com o Alisson muito tempo, e ele falou: “Vocês foram um dos únicos times que fizeram a gente sair da nossa comodidade, da nossa forma de jogar. Vocês tinham muito a bola, faziam muito a verticalidade. Isso fazia com que a gente tivesse que correr pra frente, pra trás. Foi muito difícil!”.

A gente cansou muito pela exigência. Quase oitenta jogos no ano, o Liverpool com vinte e poucos. Sentimos logo no primeiro tempo da prorrogação, os jogadores com cãibra. Não é desculpa. O Liverpool foi melhor, conseguiu o título. Uma pena que a gente não conquistou o Mundial tão esperado.

A coragem de Jorge Jesus em manter a proposta de jogo e não se limitar apenas a contra-atacar rendeu merecidos elogios dos adversários. Na entrevista coletiva, o treinador Jürgen Klopp disse: “Eu não poderia respeitar mais o Flamengo. A temporada que eles fizeram foi excepcional. Os torcedores do Flamengo fizeram festa a semana inteira. Talvez não estejam festejando tanto agora, mas devem sentir orgulho do que o time deles fez”. O homem que decidiu o jogo, Roberto Firmino, também valorizou o vice-campeão mundial. “O Flamengo se portou muito bem, jogou de igual para igual com a gente. Vem fazendo um belo trabalho com Jorge Jesus.”

O português, em sua entrevista coletiva após a partida, resumiu o sentimento da Nação:

JORGE JESUS

“Este foi um teste para o futebol brasileiro, um teste a uma equipe que não está na Europa. Foi demonstrado que com uma boa organização tática, com jogadores de qualidade, consegue fazer um grande time, como vocês dizem. E mais: hoje o Flamengo fez um jogo extraordinário. [...] A minha satisfação é exatamente esta. Demonstrar que as melhores equipes do Brasil podem ombrear

e podem se pôr no nível dos melhores times da Europa. E isso foi demonstrado hoje aqui pelo Flamengo.

O trabalho de apenas seis meses (e dois títulos importantes) de Jorge Jesus tinha feito frente aos quatro anos que o treinador alemão teve para fazer do Liverpool uma máquina de jogar futebol. Evolução construída com talento e continuidade, já que Klopp não ergueu nenhum troféu em suas três primeiras temporadas.

Jorge Jesus só teve algo dessa tranquilidade graças aos resultados e ao bom futebol que extraiu da equipe:

JORGE JESUS

“Disse a meus jogadores que senti um grande orgulho de ser treinador deles nesta final. Perdemos, mas não perdemos em nada para a equipe do Liverpool não sendo o resultado. Fomos tão bons quanto eles. Procuramos ser iguais a nós próprios. Fomos uma equipe em termos táticos muito mais atrevida. [...] O Flamengo podia ter feito uma época inesquecível. Mas não deixou de fazer uma época brilhante. Ganhou as competições mais difíceis que há e tinha o campeonato do mundo para ganhar contra a melhor equipe da Europa. Não ganhou, mas jogou para ganhar. Jogou tão bem quanto o Liverpool.

Sem notícias do jogo enquanto sobrevoava a China, Zico tirou um cochilo. O sinal de internet voltou pela manhã. Foi por meio de um site inglês que o Galinho descobriu que o Mengão não havia conseguido o bicampeonato. Nada que apagasse o fogo que a campanha de 2019 reacendeu em cada coração rubro-negro:

ZICO

“A coisa fluiu de uma tal maneira que ficou marcada na história do Flamengo toda essa campanha brilhante que foi feita. Mereceu todos os elogios e todas as conquistas. O que nós vimos esse ano foi diferente. A torcida feliz, ia com prazer sabendo que veria um grande espetáculo, um time dando tudo pela vitória. Esse grupo entrou merecidamente para a história do Flamengo por tudo o que fez ao longo da temporada.